



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

11627 - Resumo Expandido - Trabalho - XVI Reunião da Anped Centro-Oeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 22 - Educação Ambiental

ENTRE LUTAS E RESISTÊNCIA: PROCESSO FORMATIVO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA COMUNIDADE DO CHUMBO

Jakeline Modesta Almeida Fachin - UFMT/Campus de Cuiabá - Universidade Federal de Mato Grosso

Regina Aparecida da Silva - UFR Universidade Federal de Rondonópolis

ENTRE LUTAS E RESISTÊNCIA: PROCESSO FORMATIVO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA COMUNIDADE DO CHUMBO

A constituição do território brasileiro é marcada por uma ocupação míope para a sociodiversidade. Com uma lógica desenvolvimentista, o país foi povoado e o território explorado à custa de derramamento de sangue de grupos indígenas que aqui estavam e de diversos povos do continente africano. Todo o período colonial foi marcado por um perfil mercantilista, com interesse somente na exploração dos meios existentes. (PÁDUA, 2004; MOREIRA, 2017). Com a busca incessante pelo crescimento econômico, o agronegócio tem ganhado cada vez mais força e sua expansão, além de impactar diretamente nas mudanças climáticas, também tem contribuído para o aumento significativo de conflitos socioambientais (VALES, 2018), gerando um quadro de degradação e exploração ambiental e humana com vistas ao crescimento econômico. O Pantanal Mato grossense não ficou fora do alvo do agronegócio. Essa área que antes era considerada um ambiente impróprio para a produção de soja, tem sido ocupada cada vez mais por monoculturas. Além da soja, a criação de gado também oferece grande perigo aos povos e comunidades que vivem numa relação de interação com o meio ambiente. Os danos causados pela expansão desse latifúndio têm atingido a biodiversidade e representado uma ameaça ao modo de vida dos grupos sociais que vivem na região, aumentando o número de conflitos socioambientais. Frente a esse contexto, realizar processos formativos em Educação Ambiental (EA) com comunidades e povos tradicionais é de suma importância para o fortalecimento da cultura e identidade dos grupos sociais que tem suas existências ameaçadas pela expansão das monoculturas e, possibilita

refletir sobre os problemas socioambientais vivenciados, bem como denunciar os processos de violação vividos e anunciar as táticas de resistência. Nesse sentido, comprometidos com uma educação ambiental que, de acordo com Sato e Trajber (2010), não é mero pretexto à coleta seletiva, mas um convite à ressignificação de nossos modos de vida, venha incitar não apenas responsabilidades ecológicas, mas convidar para repensar nossas próprias vidas e o modelo de sociedade, buscando aliar educação ambiental à militância, na perspectiva de refletir e dialogar com as comunidades e grupos em situação de vulnerabilidade, o GPEA vem desenvolvendo processos formativos aliando a educação ambiental à educação popular, especialmente com pequenas comunidades onde realiza formações continuadas com as comunidades escolares, na perspectiva de escolas sustentáveis e construção de projetos ambientais escolares e comunitários (PAEC). Diante disso, o objetivo é apresentar o processo formativo em educação ambiental realizado com educadores/as da Escola Nossa Senhora Aparecida (ENSA), na Comunidade do Chumbo, situado em Poconé-MT, onde foram mapeados os conflitos socioambientais vivenciados pela comunidade. O processo formativo aqui apresentado é parte da dissertação de mestrado realizada no ano de 2017. A Comunidade do Chumbo está localizada em um território quilombola no município de Poconé e se formou há mais de 100 anos. Abriga hoje cerca de 300 famílias distribuídas em aproximadamente 70 hectares de terras e tem passado por várias transformações. Parte dessas transformações se deu por estar inserida em frente à lavoura de soja, separadas apenas pela MT 451, o que resulta em um cenário de conflitos e injustiças socioambientais. A comunidade conta com uma escola que atende estudantes do ensino fundamental da própria comunidade e de comunidades do entorno. Em busca de refinar de refinar o diálogo com a comunidade escolar sobre questões relacionadas aos conflitos socioambientais e mudanças ambientais vivenciadas em seu cotidiano e refletir sobre a importância da escola nesse contexto, cientes de que a reflexão sobre os problemas socioambientais é urgente **também** nos espaços educativos, realizamos um processo formativo em EA com educadores/as da escola e membros da comunidade. Para a realização desse processo formativo, nos ancoramos na metodologia do Mapa Social (SILVA, 2011, p.45), que possibilita mapear identidades, territórios, culturas, estruturas educativas, conflitos, táticas de resistência e outros aspectos, de forma participativa e valoriza os “[...] aspectos socioambientais de identidades autodenominadas [...]”. O **processo formativo em EA** realizado COM e PARA os/as educadores/as da ENSA, foi distribuído em cinco encontros, por meio de círculos de cultura de maneira colaborativa, “autogerida, ou seja, regulada pelos próprios participantes” (SATO; GAUTHIER; PARAGIBE, 2005 p.99). Buscando estabelecer um diálogo que “valoriza as categorias e os conceitos produzidos pelas culturas dominadas e de resistência” (GAUTHIER, 2001, p.7), planejamos as oficinas inspiradas nas bases teóricas da Sociopoética, que propõe “um processo grupal de produção do conhecimento, em que todos os integrantes se constituem como co-pesquisadores”, reconhecendo todas as formas de conhecimento, populares ou acadêmicos (GAUTHIER, 2001). O processo formativo aconteceu em quatro encontros descritos a seguir. O encontro inicial teve como tema **Educação Ambiental e Sustentabilidade**, onde apresentamos a perspectiva do grupo para os participantes e um pouco do percurso realizado pelo GPEA e os diálogos estabelecidos com as comunidades

tradicionais e grupos em situação de vulnerabilidade. Durante as discussões, os participantes trouxeram denúncias sobre o uso abusivo de agrotóxicos que tem aumentado com a crescente produção agrícola no Pantanal, comprometendo a sustentabilidade e a qualidade de vida dos/as camponeses/as, que estão, cada vez mais, perdendo seu espaço para produção familiar. No segundo encontro, a temática condutora foi **Mapa Social e Mapeamento de Conflitos Socioambientais**, em que apresentamos a metodologia do Mapa Social (SILVA, 2011) e os trabalhos de mapeamento realizados. Posteriormente, os/as participantes, mapearam os conflitos socioambientais percebidos. Os principais conflitos identificados na Comunidade do Chumbo foram: **Uso de agrotóxico, queimadas, desmatamento, disputa por água e disputa por terra**. O fator de maior destaque foi o uso abusivo de agrotóxicos: em todos os grupos de trabalho houve relatos sobre a pulverização de veneno que atinge a escola e as casas, intoxicando moradores e o ambiente. A população da comunidade do Chumbo também vem sofrendo com a expansão da soja, e desde 2014 sente as consequências desse crescimento acelerado da monocultura no entorno de seu território, o que tem levado a comunidade local a pagar um alto preço em nome do “des-envolvimento” e do “progresso” (SATO, 2008). Os prejuízos trazidos são imensos, já que o agrotóxico utilizado nas monoculturas envenena o ar, o solo, a água e os seres vivos que vivem por ali, causando a diminuição do pescado e dificultando a produção agrícola das famílias (SCHLESINGER, 2014). No terceiro encontro foi realizado o **mapeamento das manifestações culturais** da comunidade. Nesse encontro foram mapeados danças, artesanatos, comidas típicas, festejos, uso de plantas medicinais e outros. As narrativas evidenciaram que os moradores da Comunidade do Chumbo percebem as alterações climáticas e ambientais e o impacto no modo de vida, nas expressões culturais e no modo de vida. No encontro sobre **Currículo** discutimos como as temáticas mapeadas tem sido abordadas no contexto escolar e se o currículo da escola contempla as especificidades do/as estudantes. A partir das narrativas, o currículo idealizado pelos/as educadores/as, deve contemplar: as expressões culturais, táticas de luta, conflitos socioambientais, educação ambiental, mudanças ambientais, religiosidade, história da comunidade, danças e festas, diversidade, saberes locais, resistência, identidade e também, o currículo formal. O último encontro foi de socialização dos projetos realizados pela escola a partir dos debates realizados. Em todo esse processo de formação, foi possível perceber que os danos causados pela expansão do latifúndio têm atingido a biodiversidade e representado uma ameaça ao modo de vida desses grupos sociais, aumentando a quantidade de conflitos ambientais nessa região. A comunidade do Chumbo tem sofrido com a expansão do agronegócio, por meio de desmatamento que tem convertido extensas áreas de Cerrado Pantaneiro em verdadeiros desertos verdes para o plantio de monoculturas. A comunidade fica em frente a uma lavoura de soja e frequentemente é pulverizada por veneno, atingindo a escola e os moradores da comunidade. Nesse sentido, diante da necessidade de estabelecer um diálogo com a comunidade sobre as constantes violações de direitos, e a importância do papel das escolas para a articulação e organização das lutas nas comunidades (MOREIRA, 2017), os processos formativos em EA tem sido um importante aliado no fortalecimento das lutas das comunidades. Um processo formativo que vem ao encontro da realidade da comunidade pode fortalecer a identidade, contribuir na luta e fomentar, de certo modo, a participação ativa por

políticas que contemplem as necessidades desses grupos sociais. Ter registrado por meio de um instrumento político como o mapa, os conflitos socioambientais e as táticas de resistência da comunidade do Chumbo, como forma de tornar visível aquilo que, historicamente e intencionalmente, tem se tornado invisível pelos poderes públicos.

Palavras-Chave: Processo formativo. Educação ambiental. Conflitos socioambientais.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Conscientização**. Tradução de Tiago José Risi Leme. São Paulo, Cortez, 2016.

GAUTHIER, Jacques; FLEURI, Reinaldo Matias; GRANDO, Beleni Saléte [Org.]. **Uma**

Pesquisa Sociopoética: o índio, o negro e o branco no imaginário de pesquisadores da área de educação. Centro de Ciências da Educação – UFSC- Núcleo de Publicações, Coleção Cadernos CED 3, Florianópolis, SC, 2001.

MOREIRA, Déborah Luíza. **Território, luta e educação: dimensões pulsantes nos enfrentamentos dos conflitos socioambientais mapeados no Quilombo de Mata Cavaló;** 162f. Dissertação (Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Cuiabá, 2017.

PÁDUA, José Augusto. Um sopro de destruição: pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista, 1786-1888. 2.ed. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed., 2004.

SATO, Michèle. GAUTHIER, J. Z. e PARAGIPE, L. Insurgência do grupo pesquisador na educação ambiental sociopoética. In: SATO, M.; CARVALHO, I. C. M. e col. **Educação Ambiental**. Porto Alegre: ARTMED, 2005. P 101-119.

SATO, Michèle. **Biorregionalismo:** A educação ambiental tecida pelas teorias educacionais. In.: JUNIOR, L.A.F. [Org.]. Encontros e caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores. Brasília: MMA. Diretoria de educação ambiental, 2005.

SCHLESINGER, Sergio. **Pantanal por inteiro, não pela metade**. Soja, hidrovias e outras ameaças à integridade do Pantanal. Mato Grosso, Brasil, 1ª edição, 2014, Publicação: The Ecosystem Alliance. Disponível em: <https://fase.org.br/wpcontent/uploads/2014/12/rev_PORT_pantanal_fase_MT.pdf>. Acesso em: 23 de fevereiro de 2018.

SILVA, Regina. **Do invisível ao visível: o mapeamento dos grupos sociais do Estado Mato Grosso – Brasil;** 221f. Tese (Doutorado e Ciências). Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Recursos Naturais, Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, 2011.

VALLES, Eronaldo A. **Conflitos socioambientais que afetam a soberania alimentar de comunidades do Cerrado do Pantanal – MT**. Cuiabá: 2018, 144f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, UFMT.